

J. KENNER

Autora Vencedora do Prémio RITA
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

Envolve-me

Para os fãs
dos livros de
E L James
e Sylvia Day

Eles estão em perigo.
Mas a chama da paixão
está mais forte
do que nunca.

TOP
SEL
LER

Há um momento de paz entre o sono e o despertar. São suas vezes minutos serenos e reconfortantes, que parecem arrastar-se horas, como uma dádiva de um universo benevolente. Nesta bolha protegida nada me pode tocar.

Estou a viver num mundo de sonhos e de momento este parece-me seguro — o sítio certo —, onde quero ficar aninhada, no conforto dos seus braços.

Mas os sonhos transformam-se, por vezes, em pesadelos e os dedos escuros do medo tentam alcançar-me enquanto percorro os corredores do sono. Estou com a pulsação acelerada e respiro com dificuldade. Aninho-me na direção dele, desejosa de sentir o seu toque, mas ele não está lá, e eu sento-me bruscamente, na cama, com a pele suada, pegajosa e brilhante. O meu coração bate com tanta força que parece prestes a rachar-me uma costela.

Jackson.

Já desperta, sozinha e desorientada, sinto-me percorrida por um pânico avassalador. Tenho medo e não me lembro porquê.

Mas depressa volto a recordar-me de tudo e, à medida que o despertar me devolve as memórias, cresce em mim a ânsia de mergulhar de novo no esquecimento, pois por muito horríveis que fossem os sonhos por mim fabricados, em nada se comparavam à crua realidade para a qual despertara.

Uma realidade em que o mundo parece estar a desmoronar-se à minha volta, e em que o homem que tão desesperadamente amo é suspeito de homicídio.

Suspiro e levo a mão à face, sentindo a memória apurar-se à medida que me liberto do torpor do sono. Ele beijara-me ao de leve na face, antes de se escapar do nosso casulo quente, e sair para a friagem da manhã. Na altura, agradara-me ficar bem aconchegada nos cobertores, que tinham ainda o seu cheiro e irradiavam restos do calor do seu corpo. Mas agora arrependo-me de não me ter levantado com ele, pois não quero estar sozinha. É quando estou só que o pânico mais me ameaça.

Quando estou só, tenho a certeza de que o vou perder.

É a solidão que me apavora.

Porém, esta esvanece-se no preciso instante em que penso nisso. A porta do quarto abre-se bruscamente e um raio de sol, de olhos azuis e cabelos escuros, precipita-se na minha direção, salta para cima da cama, e pula em cima dela com tamanha energia e entusiasmo, que eu não posso deixar de me rir.

— Sylvie! Sylvie! Fiz torradas com o tio Jackson.

— Torradas? A sério? — Faço um esforço por manter um tom de voz alegre e animado, apesar de continuar a sentir esse medo colado a mim, como uma teia de aranha. Abraço brevemente a Ronnie, mas já não é a ela que estou a dar atenção. Agora estou inteiramente concentrada no homem que está à porta do quarto.

Ele está calmamente parado à entrada, com um tabuleiro de madeira nas mãos. O cabelo cor de carvão está ainda desgrenhado e tem barba de dois dias. Está de calças de pijama de flanela e de t-shirt cinzento-clara, e tem todo o ar de quem acabou de acordar. Um homem sem grandes preocupações em mente a não ser desfrutar da manhã, tomar o pequeno-almoço, e ler os destaques das notícias que preenchem o jornal que tem entalado debaixo do braço.

Mas ele é muito mais do que isso, céus. Transpira poder e ternura, força e autocontrolo. É ele que dá cor aos meus dias e ilumina as minhas noites.

Jackson Steele, o homem que amo e que em tempos tentei estupidamente abandonar. O homem que me agarrou e me reconquistou. O homem que reclamou o meu coração ao destruir os meus demónios.

Foi, porém, graças a esses demónios que chegámos aonde estamos.

Robert Cabot Reed era um desses demónios e agora está morto. Alguém entrou em sua casa, em Beverly Hills, e esmagou-lhe a cabeça com uma peça decorativa de marfim trabalhado.

Não posso deixar de pensar que essa pessoa foi o Jackson, e que em breve terá de pagar por isso.

Chegámos a Santa Fé ao fim da tarde de ontem, ambos descontraídos, felizes e empolgados. O Jackson tencionava passar o fim de semana com a Ronnie e deslocar-se depois ao tribunal, na segunda-feira, para marcar uma audiência sobre o seu requerimento, a fim de assumir formalmente a paternidade da menina, e de se impor legalmente como seu pai. Mas esse plano caiu por terra, quando os detetives locais vieram ao encontro do nosso avião e informaram o Jackson de que fora requerida a sua presença em Beverly Hills, para ser interrogado sobre o homicídio do Reed.

E a tarde, que deveria supostamente ter sido um descontraído reencontro, deu lugar a um frenesim de atividade, com telefonemas entre o Novo México e a Califórnia, disputas de advogados e negociações de acordos.

Depois de tudo isso, o Jackson foi autorizado a passar o fim de semana em casa, na condição de se dirigir imediatamente ao Departamento de Polícia de Beverly Hills na segunda-feira de manhã. Na verdade, o Jackson poderia ter ganhado muito mais tempo, pois a polícia tinha pouco espaço de manobra — a menos que o quisesse de facto prender — porém, o seu advogado aconselhou-o sensatamente a não o fazer. Afinal de contas, não é com jogos que se consegue a colaboração da polícia ou se conquista a opinião pública. Embora ainda não soubéssemos que provas físicas a polícia conseguira reunir, o Jackson tinha um motivo muito concreto para matar o Reed.

Motivo.

Uma palavra bastante limpa, se comparada com um homem tão desprezível e vil como o Reed.

Para além de abusar de mim e de me atormentar durante a adolescência, o Reed ameaçara mais recentemente divulgar as fotografias que me tirara na altura se eu não dissuadisse o Jackson de tentar travar um filme ao qual ele pretendia dar luz verde. Um filme que iria expor segredos e fraudes, e que acabaria por envolver a Ronnie — uma criança inocente — num escândalo público terrivelmente sórdido.

É claro que o Jackson queria travar as filmagens e proteger-me do horror de ver essas fotografias aparecerem na Internet. Como é evidente!

É claro que queria punir o Reed pelas coisas medonhas que ele me fizera há anos.

Mas teria matado o Reed?

Não tenho resposta para essa pergunta.

Pior ainda: não estou sequer autorizada a questioná-lo sobre isso. Segundo o advogado do Jackson, Charles Maynard, é muito provável que a polícia me interrogue também a mim, e as namoradas não são testemunhas privilegiadas. Quer isto dizer que o Charles pretende que eu esteja em condições de dizer, com toda a honestidade, que o Jackson recebeu rigorosas instruções dos seus advogados para não me revelar se tinha ou não matado o Reed. Nem sim, nem não, nem talvez. Nada.

Nada.

É claro que eu sei o que isso significa. *Nada* é o código para *talvez*.

Nada significa: *assim não o poderá incriminar mais tarde.*

Nada significa: *estamos a tentar prevenir o pior.*

Só de pensar nisso, estremeço. Sento-me na cama e encosto-me à cabeceira, abraçada à almofada, a ver o homem que amo poisar o tabuleiro e o jornal na pequena mesa, escondida por baixo da janela, ainda de cortinas corridas.

Não é tarefa de peso, mas ele desempenha-a com o rigor e a confiança com que faz muitas outras coisas na vida. Jackson não é homem para se deixar dominar pelas circunstâncias, nem para deixar abusos

impunes. É um homem que protege quem ama, e eu estou absolutamente convicta de que eu e a filha somos as pessoas que mais ama no mundo.

Estou certa de que seria capaz de matar para proteger qualquer uma de nós e essa ideia provoca-me um pequeno arrepio de prazer, ainda que temperado pelo medo e pela apreensão. O Jackson iria ainda mais longe, sacrificando a sua própria vida se achasse que isso nos poderia proteger, e eu tenho pavor de pensar que tenha sido exatamente isso que ele fez.

Muito sinceramente, não sei se serei suficientemente forte para aguentar a culpa, se ele acabar atrás das grades.

Ele vem sentar-se na beira da cama e é imediatamente atacado por um ciclone de três anos que lhe exige uma sessão de cócegas. Ele sorri e faz-lhe a vontade, olhando depois para mim, mas o sorriso não chega a aquecer-lhe o olhar gelado dos olhos azuis.

Eu dou-lhe a mão. Perdi a conta às vezes que tentei encontrar as palavras certas para o sossegar, desde que chegámos. Mas não há palavras que lhe bastem. Eu posso apenas fazer o meu melhor e ficar do seu lado.

— Há alguma notícia sobre ti ali? — pergunto, acenando com a cabeça para o jornal, que ficou em cima da mesa.

— Não, mas também não esperaria que houvesse, uma vez que se trata do jornal local de Santa Fé.

Eu franzo o sobrolho.

— Queres que eu veja? — Ele sabe perfeitamente que eu não me estou a referir ao jornal local. Estou a oferecer-me para dar um salto à Internet e sondar os diferentes sites de mexericos da nossa cidade, especialmente os mais focalizados em Beverly Hills e Los Angeles, e em tudo o que tenha a ver com celebridades e crimes.

Ele abana a cabeça e eu fico ainda mais apreensiva com a resposta. Disse-me ontem que não queria que nada ensombrasse os seus momentos com a Ronnie, e eu entendo isso, mas a sombra do crime paira já sobre nós. Estar a par dos mexericos significa estarmos preparados.

Eu disse-lhe isso ontem à noite, mas estou disposta a abordar de novo o assunto. Mas quando vou a abrir a boca para o fazer, ele coloca-me um dedo nos lábios.

— Eu verifiquei esta manhã — diz ele, gentilmente. — Não está lá nada.

— A sério?

— A sério — confirma, apertando-me a mão e estendendo a mão livre à Ronnie. — Liguei o meu *tablet* e estive a verificar enquanto esta pequenita fazia torradas, não foi? — pergunta-lhe ele, enquanto ela amarinha para o seu colo. — Não foi? — repete, fazendo-lhe cócegas até ela guinchar.

— Sim! Sim! — diz ela, embora não faça ideia do que estamos a falar.

— A tua testemunha parece-me um bocadinho duvidosa — digo eu, contendo um sorriso. Ele foi talhado para ser pai e a facilidade com que assume esse papel impressiona-me.

— Talvez, mas o seu testemunho é verdadeiro. — Beija-lhe o alto da cabeça e puxa-a para si, com um ímpeto e uma emoção de tal forma pungentes, que quase me sinto estilhaçar.

— Devias ir lá para fora com a Grammy — diz o Jackson à pequenita. — O *Fred* já deve andar à tua procura.

Ao ouvir falar do cachorro, ela arregala os olhos azuis, em tudo semelhantes aos de Jackson.

— Tu também vens?

— Claro que sim — assegura-lhe. — Deixa-me falar com a Syl, enquanto ela bebe o café. Depois, vou à tua procura.

— Vais comer a tua torrada? — pergunta ela, candidamente, dirigindo-se a mim.

— Mal posso esperar pela torrada — digo-lhe eu. — Aposto que é a melhor torrada do mundo.

— É, sim — assevera ela, saindo disparada do quarto.

O Jackson fica a observá-la, eu fico a observar o Jackson. Quando se vira, apanha-me a olhar para ele e sorri timidamente.

— Às vezes, custa-me a acreditar — diz ele. — Custa-me a acreditar que ela é realmente minha filha, quero eu dizer.

Penso nos olhos azuis e no cabelo escuro da miúda, na sua inteligência, na sua personalidade vibrante e na sua determinação feroz. Não podia ser mais claro o elo que os ligava.

— Não acho nada difícil de acreditar.

Esperava arrancar-lhe um sorriso, mas ele continua a parecer-me apenas triste.

— A sério que não havia nada?

— Garanto-te que não. — Eu devia estar com um ar incrédulo porque ele insistiu. — A polícia não vai divulgar nomes, pelo menos enquanto não prenderem ninguém, ou se a coisa se arrastar a ponto de sentirem que se devem antecipar a uma fuga de informação.

— E tu sabes isso devido à tua longa experiência no submundo do crime?

— Não. Foram anos a ver televisão — corrige. — Mas tu sabes que eu tenho razão.

Eu anuo com a cabeça. Faz sentido. Além disso, a polícia ainda não está a par de tudo. Tanto quanto me é dado a entender, sabem apenas que o Jackson estava determinado a travar as filmagens. A chantagem e a existência da Ronnie permanecem no segredo dos deuses.

Mas não é por isso que sinto menos receio. Se isso — ou melhor — *quando* isso vier a lume, o Jackson ficará em pior situação.

— Estás bem? — pergunto. É uma pergunta estúpida e fica a pairar no ar, como que a refletir o meu próprio embaraço e despropósito.

Ele abana ligeiramente a cabeça.

— Não — admite. Depois, roça-me os dedos pela face e concentra-se no meu rosto, procurando os meus olhos. A princípio parece desorientado, mas isso depressa desaparece, à medida que a paixão e o desejo surgem no seu olhar. Eu sou o objeto de ambos e nenhum deles contém uma pergunta. Não há autorizações a conceder nem pedidos a fazer. Ele leva simplesmente a mão à minha nuca e puxa-me de encontro a si, aprisionando-me a boca com a sua.

Eu acolho-o sem hesitação, não apenas com os lábios mas com todo o meu corpo, sentindo-me inteiramente sua, de todas as formas que ele precisar de mim.

Ele aprofunda o beijo, com a boca quente sofregamente colada à minha, estimulando-me e saboreando-me com a língua.

Ontem à noite não fizemos amor, pois estávamos demasiado exaustos da viagem e do rebuliço emocional, demasiado empenhados em ver a família e passar tempo com a Ronnie.

E é em parte por isso que espero mais do que o ímpeto selvagem daquele beijo. Espero sentir as suas mãos esmagarem-me os seios; a explosão do seu hálito, ao empurrar-me contra o colchão, antes de se levantar para bater com a porta e trancá-la; os movimentos do colchão, ao regressar; o ruído de algodão a rasgar-se ao arrancar-me as cuecas.

Anseio por sentir o seu corpo sobre o meu, já de pulsos firmemente amarrados com a t-shirt que uso em vez de pijama, depois de ele me despir pela cabeça e a usar para me prender.

Imagino a tensão no interior das minhas coxas, quando ele me abrir grosseiramente as pernas, e o breve ardor da fricção, quando me penetrar com força, e de uma só vez, para se abandonar a essa paixão selvática de que tanto precisa, e que tanto deseja.

Espero tudo isto porque o conheço. Porque o seu mundo está fora de controlo e o Jackson é um homem que precisa e assume efetivamente o controlo. Não é homem para se deixar varrer pela corrente nem para se deixar bater pela força das circunstâncias. Ele luta e ganha. *Ele conquista.*

Canalizei o controlo para o sexo.

Uma vez, disse-me isso e demonstrou-mo inúmeras vezes.

E, no entanto, não vem ter comigo. Não possui, nem reclama.

Sinto-me percorrida por uma sensação de pavor ao vê-lo largar-me e levantar-se. Não olha sequer para mim. Limita-se a virar-me as costas e encaminha-se para a janela, passando depois os dedos pelo cabelo.

— Jackson?

Ele não reage. Deixa-se simplesmente ali ficar, de costas viradas para mim e ombros caídos. Tenho a certeza de que não me ouviu. Como poderia ter ouvido? Naquele instante, parece estar a quilómetros de distância e não apenas a alguns metros de soaço.

A mesa está à sua frente e o meu café e a torrada continuam lá, intocados. Ele desvia o tabuleiro e abre as cortinas, para deixar entrar a luz da manhã.

Estamos em casa da Betty Wiseman, a bisavó materna da Ronnie. A família vive bem, mas esta casa no Novo México é um pequeno refúgio, de «apenas» 460 metros quadrados. Eu e o Jackson estamos num dos quartos de hóspedes, com vista para a parte de trás da propriedade. Ontem, ao fim da tarde, a vista parecera-me magnífica: as montanhas rochosas, vestidas com as cores do outono; os campos verdejantes e os bosques de folhagem perene; os castanhos e os vermelhos das pedras e da vegetação e o azul intenso do céu, claro, tão vasto e resplandecente que parece invadir-nos a alma.

Mas da cama onde estou sentada, hirta, constringida e um pouco assustada, consigo apenas ver uma pequena parte do pátio coberto e um dos lados da casa. Não estou no ângulo certo para admirar o belo panorama que o Jackson está a observar neste momento. As nossas perspetivas são completamente diferentes e essa pequena evidência está a consumir-me.

Humedeço os lábios. Sinto-me distante, impotente, perdida e também um pouco zangada, é um facto. Não quero vê-lo sofrer, caramba, muito menos se estiver nas minhas mãos sossegá-lo.

Mas esse é o cerne da questão, não é? Esse é, de facto, o meu maior receio.

Não o facto de não ser capaz de o sossegar, mas que ele prefira carregar esse fardo sozinho.

Que se lixe.

Afasto as cobertas da cama e aproximo-me dele — dormi com a t-shirt dele e sinto-a roçar-me pelas coxas. Abraço-o pela cintura, por trás, e fico colada a ele com a face encostada às suas costas. Inalo o seu

odor masculino, almiscarado, misturado com um ligeiríssimo aroma a amaciador. É um aroma limpo, talvez até um pouco doméstico, mas no Jackson torna-se também imensamente sexy.

As minhas mãos estão na sua cintura. Seria fácil desloca-las para baixo, acariciá-lo e entesá-lo. Brincar e persuadi-lo meigamente. Seduzi-lo, satisfazê-lo.

Excitá-lo e provocar-lhe tamanha ereção que ele não pense senão em possuir-me, que ele não pense senão em mim. Estimulá-lo até que ele me pegue ao colo e me atire para cima da cama, numa violenta explosão que, para além de nos consumir a ambos, destrua também os fantasmas que surgiram entre nós, expulsando-os com fogo, calor e luz.

Mas não é bem isso que eu quero. Não propriamente. O que eu quero, o que eu preciso é de que o Jackson venha ao meu encontro. Que me use como fazia no passado, sarando as suas feridas até se sentir inteiro.

Por isso, em vez de baixar a mão para lhe agarrar no pénis, deixo-me ficar quieta, agarrada ao homem que amo e de quem preciso, na esperança vã de que ele não se esteja a afastar de mim.

Passam alguns momentos. Oíço o cão ladrar no relvado das traseiras e as gargalhadas agudas da Ronnie, seguidas da voz mais grave da sua bisavó e da Stella, a governanta, e agora também ama.

O Jackson está perfeitamente imóvel, mas depois leva as mãos à cintura e agarra nas minhas, prendendo-me enquanto o abraço por trás. Eu fecho os olhos desfrutando da força do seu toque, mas ele afasta-me delicadamente as mãos e sai de dentro do círculo dos meus braços.

Eu abraço com força o meu próprio corpo, tentando compensar a falta do seu calor, mas é inútil. Sinto-me gelada até aos ossos. Perdida, zangada, amedrontada, e muito, muito só.

Ele vai sentar-se à beira da cama e esfrega o rosto com as mãos. Depois, olha para mim com uma expressão tão cansada, que toda a raiva e insegurança me abandonam, e o meu único desejo é consolá-lo. Aproximo-me, ajoelho-me diante dele, encostando as mãos aos seus joelhos.

Embora trémulo, o seu sorriso anima-me, e quando ele me roça o polegar pela face quase choro de alívio.

— Caramba — diz, finalmente. — Estou desfeito.

— Um bocadinho — respondo, e ele presenteia-me com um sorriso quase impercetível. — Mas tu vais superar isto. Nós vamos superar isto.

— Tudo o que queria era levar a minha filha para casa.

As suas palavras parecem deformar-se dentro de mim como se fossem ligeiramente descabidas. Só instantes depois percebi porquê.

— Querias? — repeti.

— Telefonei à Amy logo de manhã — diz ele, num tom de voz monócordico, despojado de emoção, como se estivesse a fazer um grande esforço para o manter.

— Ah, sim? — A Amy Brantley é a advogada da família em Santa Fé. Foi ela que apresentou o requerimento para oficializar a paternidade e o poder paternal. Embora eu ainda não a conheça pessoalmente, sei que irá marcar a audiência sobre o requerimento, tão depressa quanto possível. — E o que disse ela? Quando vão marcar a data da audiência?

Os seus olhos ensombram-se.

— Não vamos marcar nada. Vamos esperar.

— Esperar? Mas... — Ao mesmo tempo que tento reunir ideias, percebo que devia estar a contar com aquilo. Sei o que significa. Quer dizer que ele acha que não poderá estar presente para cuidar dela.

— Oh, meu Deus, Jackson. — A minha voz está carregada de pavor e angústia, mau grado o meu.

— Não — diz ele, repetindo-o depois com mais firmeza. — Não vou ceder. Não me vou dobrar. Nem pensar nisso. Mas também não quero correr riscos com a minha pequenina. E se o pior acontecer e eu acabar numa cela de prisão? A Megan é atualmente a sua tutora, mas deixará de o ser quando os meus direitos forem estabelecidos. Será que um tribunal da Califórnia a mandaria de novo para junto da Megan, no Novo México? Uma anterior tutora com uma série de problemas mentais, que se internou num centro de recuperação para ver se melhora? Ou para junto de Betty, uma bisavó de idade avançada? Talvez, mas

o mais certo é acabar num centro de acolhimento. Não posso, nem quero correr esse risco.

A minha vontade é protestar. Lembrar-lhe até que ponto isso é importante para ele, implorar-lhe que acredite que vai ultrapassar tudo, mas receio que as minhas palavras acabem por realçar a dimensão da sua perda. Por isso, respondo apenas:

— Lamento.

— Eu também.

Apetece-me aninhar-me nos seus braços e apertá-lo junto a mim. Perder-me nele, inalar o seu odor e deixar que o seu toque me expurgue de todos os medos.

Mas ele não tenta alcançar-me e eu não ousou atravessar a nuvem negra até aos seus braços. E se ele me afastar?

Por isso, faço o oposto. Levanto-me e obrigo-me a sorrir.

— Está bem, pronto. Qual é a tua ideia, então? Tens de estar em Beverly Hills de manhã, certo? A que horas vamos sair daqui?

Ele parece quase aliviado pelo facto de termos mudado de conversa.

— Esta tarde. Preciso de me reunir durante algum tempo com o Charles e o novo advogado antes de enfrentar as feras, amanhã — diz ele, referindo-se a Charles Maynard, o seu advogado na cidade, e ao advogado de direito criminal cinco estrelas que este prometera subcontratar.

— Já avisaste o Grayson e o Darryl? — pergunto. Grayson Leeds é o chefe dos pilotos da frota da Stark International. Ao disponibilizar um dos pequenos aviões para uso do Jackson, o Damien oferecera-lhe também os serviços do Grayson, como piloto, e do Darryl — recentemente contratado — como copiloto. De início, os dois homens tinham apenas de fazer o voo de duas horas, deixar-nos no Novo México e regressar à Califórnia, mas quando a polícia apareceu com a informação de que o Jackson teria de regressar a Beverly Hills para ser interrogado, o Grayson e o Darryl decidiram lá ficar, e estavam agora enfiados em dois dos quartos de hóspedes, depois de desfrutarem de um hospitaleiro serão em casa dos Westman.

— Acabei de os informar — diz o Jackson. — Estarão prontos à hora que nós estivermos. Estou a planear sair daqui logo a seguir ao almoço.

— Nesse caso, não é neste quarto que deverias estar. — Olhei de relance para a janela e estendi-lhe a mão, puxando-o para que se levantasse. — Vai passar algum tempo com a tua filha, Jackson Steele. — Levo a mão à sua face e acaricio-a, sentindo a barba áspera na minha mão. — Será por pouco tempo hoje, mas não faz mal. Em breve, poderás passar muito mais tempo com ela.

Por instantes, penso que ele vai argumentar, mas ele acaba por anuir.

— Vens comigo?

— Primeiro, vou tomar um duche e vestir-me. Além disso... — acrescento, pegando na torrada já fria —, tenho de comer a melhor torrada do mundo antes de sair lá para fora.

Ele ri-se um pouco, o que me faz sentir orgulhosa da minha piada absolutamente miserável.

Fico a vê-lo sair e fecho a porta, antes de voltar para a janela, à espera que ele apareça no relvado. Demora alguns minutos, mas finalmente aparece e eu vejo-o chamar a Ronnie. Ela e o cachorro correm na direção dele. Ele pega-lhe ao colo e gira-a em torno dele com uma expressão radiosa.

Sinto um aperto no coração, pois sei que a sua felicidade será fugaz, e receio que tudo piore antes de começar a melhorar.

Pior do que isso: receio que não melhore nunca.

Quando estou a sair do duche, o telemóvel toca. Não reconheço o número e quase deixo a chamada ir para o correio de voz, mas depois decido atendê-la, pois poderá ser a minha melhor amiga, Cass, a ligar do telefone de uma amiga ou o Charles a ligar de outro escritório de advogados. Ou até o meu patrão, Damien Stark, a ligar de um hotel com a Nikki, durante uma escapadela fortuita.

É claro que não era nenhuma dessas pessoas.

A voz do outro lado da linha era do meu pai.

— Sylvia. Temos de falar, querida.

Eu retraí-me, pois tanto o tratamento carinhoso como o seu tom de voz me irritaram. Como se ele se ralasse comigo. Como se ele quisesse saber de mim para alguma coisa.

Já sei do que a casa gasta.

Sei que ele só me está a telefonar porque o Jackson o confrontou com uma verdade que andava a evitar desde os meus 14 anos: que o Robert Cabot Reed me sugara até ao tutano, e que o meu pai me oferecera de bandeja ao estupor, fazendo de conta que não era nada.

— Sylvia — insiste. — Fala comigo, Sylvia.

— Não é boa altura. — Sinto tensão na minha voz e mal consigo proferir as palavras.

— Deixei pelo menos uma dúzia de mensagens e tu não me ligaste.

— Por isso achaste que me conseguirias enganar, ligando de um número desconhecido, não é?

— Que podia eu fazer? Preciso de falar contigo.

— *Precisas?* — A palavra fica a pairar no ar como uma nuvem negra, retorcida.

Três simples sílabas, que parecem resumir por inteiro a minha horrível infância.

— *Precisamos* — retifica, imediatamente. — *Precisamos* de falar sobre o que aconteceu com o Reed. Sobre aquelas fotografias e as ameaças que ele te fez.

— Não consigo. — Abano a cabeça, desejando poder ignorar todas as suas palavras, tentando afastar de mim as memórias que ele está a invocar. Mas é inútil. Sinto o chão fugir-me debaixo dos pés, e agarro-me ao balcão para me amparar.

— Não podes continuar a ignorar-me.

Posso, sim, digo para mim própria, sem conseguir proferir as palavras. Não agora. Não quando sinto a garganta a fechar-se, a sala a escurecer e o chão a inclinar-se, na diagonal, como que a empurrar essas horríveis recordações na minha direção.

— Temos de falar, Sylvia, temos mesmo de falar. — Oiço a sua voz a quilómetros de distância. É como um zumbido e parece não ter nada a ver comigo. Não a quero ouvir mais.

Não consigo, não consigo, não consigo.

Fico sem saber se estou de facto a dizer aquilo ou apenas a gritá-lo mentalmente. Ainda assim, consigo carregar firmemente no botão adequado para terminar a chamada, antes de o telefone me cair da mão. Os meus joelhos fraquejam e, de repente, dou comigo no chão, com as pernas fletidas junto ao peito. Fecho os olhos, aperto-as com força, e começo a baloiçar-me para trás e para diante, tentando combater o pânico que essas memórias trazem consigo e que sinto crescer rapidamente dentro de mim, ameaçando consumir-me.

Detesto esta sensação de pavor. A sensação de estar perdida, fora de controlo.

A sensação de estar a ser de novo atirada para a dor dessas memórias, de forma absolutamente inesperada.

Se soubesse que era ele, poderia ter-me preparado, poderia ter-me protegido.

Poderias mesmo? Ter-te-ias protegido ou simplesmente escondido das suas palavras e da sua voz?

A verdade pesa-me no peito, pois sei que me teria escondido. Por minha vontade, esconder-me-ia do meu pai para toda a eternidade.

Respiro fundo várias vezes, pensando para comigo mesma que tenho de me controlar, que ele já se foi, que já passou, que consigo lidar com isto.

Mais do que isso: *tenho* de lidar com isto.

Há menos de uma semana que o Jackson contara ao meu pai o que o Robert Cabot Reed me fizera. Não é que o meu pai, de certa forma, não o soubesse já. Afinal de contas, fora ele que, durante a minha adolescência, me fizera o arranjinho com o Reed e que aceitara quantias exorbitantes de dinheiro dele, em troca dos meus serviços, que deveriam ser de modelo, mas que iam muito além disso.

Foi também o meu pai que ignorou as minhas súplicas para que parasse com as sessões fotográficas.

Sim, o meu pai sabia o que se passava no estúdio do Reed, mas nunca o encarou. Pelo menos até o Jackson o forçar não apenas a encarar o passado, mas também o presente: o facto de que o Reed me andava a chantagear e a ameaçar divulgar aquelas horríveis fotografias íntimas à imprensa, se eu não dissuadisse o Jackson de o impedir de fazer o seu filme.

Desde essa noite que ignoro sistematicamente os repetidos telefonemas do meu pai. Não é agora que isso vai mudar. No meu ponto de vista, aquele homem deixou de ser meu pai no dia em que me levou ao estúdio do Reed pela primeira vez. Estou-me nas tintas que telefone a pedir desculpa ou a pedir que lhe perdoe, pois não estou a fim de lhe perdoar.

Sacudo os braços, e bato ao de leve nas faces, como se fosse uma vítima de trauma que precisasse de ser reanimada. Pensando bem no assunto, é exatamente isso que eu sou.

Tenho de me recompor, porque não posso, de forma alguma, permitir que o Jackson me veja neste estado. Não porque receie que ele não me console, mas por ter a certeza de que o fará. É possível que me esteja a afastar dos seus problemas e medos, mas não vai ignorar os meus. Pelo contrário, a minha dor acabaria por contagiar e misturar-se com a sua, e eu não posso sobrecarregá-lo com isto. Não agora. Não hoje.

Mas embora eu saiba que a decisão mais correta é não lhe falar deste telefonema, não consigo deixar de pensar que o silêncio poderá ser o primeiro passo para o meu sombrio afastamento do Jackson, e que se não lutar para o manter do meu lado, as trevas acabarão por mo levar.

— *S*ra. Brooks?

A voz de Grayson penetra no algodão que parece encher-me a cabeça e eu sento-me muito direita, varrida por um ataque de pânico, com o coração a martelar-me o peito.

— O que é? — pergunto, enfaticamente. — Está tudo bem? Porque é que está aqui? Não deveria estar a pilotar esta coisa?

Detesto viajar de avião. Fico nauseada, nervosa e inquieta. Na verdade, a única coisa que aprecio é o momento em que percebo que sobrevivi miraculosamente a uma queda vertiginosa do ar, dentro de um gigantesco cilindro de aço, momentos depois de aterrar. Por isso, quando o Grayson nos disse que havia tempestades sobre o Novo México e o Arizona, acabei por ceder à insistência dele e do Jackson, e tomei uma série de comprimidos para o enjoo. Normalmente, estes provocar-me-iam apenas um pouco de sonolência, mas a Stella trouxera-nos um jarro de sangria à hora do almoço e como eu já estava cheia de calor por ter estado a brincar no pátio com o Jackson e a Ronnie, bebi mais do que devia.

Quer isto dizer que já estava estonteada quando embarquei e, assim que os comprimidos fizeram efeito, caí redonda a dormir. Ser acordada em sobressalto, só serviu para agravar a minha fobia.

— Está tudo bem — diz o Jackson num tom de voz suave e tranquilizador, e eu faço um esforço para me descontraír. Estamos no jato e eu

estivera a dormir profundamente. O Jackson puxa-me e abraça-me e eu correspondo, agradecida. Se viajar de avião me permitir estar aconchegada e segura nos braços dele, talvez não seja mau de todo.

Suspiro, e aprecio o consolo que ele me está a dar. Não lhe falei da névoa cinzenta que parece preencher o espaço entre nós, agarrando-me como uma pedinte a cada contacto subtil, de cada vez que roça os seus dedos nos meus ou encosta a mão às minhas costas para me guiar, de cada vez que me dirige um olhar brando ou um sorriso gentil.

Mas não chega. Eu e o Jackson sempre nos encaixámos como duas peças de um puzzle, mas agora é como se algo as tivesse deformado, e estas passassem a encaixar-se mal e de forma incompleta. Essa desconexão está a dar comigo em doida. Não creio que a consiga suportar por muito mais tempo. Em breve terei de o confrontar com isso. Agarrar firmemente nele, puxá-lo para trás, e exigir-lhe que me explique por que carga de água está tão distante, rezando para que isso não o afaste ainda mais.

Mas não agora. Agora preciso apenas de saber porque é que o piloto está agachado diante de mim e não no *cockpit*, onde deveria estar.

— Agora a sério — digo eu, num tom insistente, fitando o Grayson de olhos semicerrados. — Porque é que não está diante do volante, alavanca, ou lá como vocês lhe chamam?

— O Darryl tem tudo sob controlo — assevera-me o Grayson. — Lamento tê-la acordado mas tem uma chamada via satélite.

— É o Damien?

— É o Trent — diz o Jackson. — Eu ofereci-me para tratar do assunto, mas ele insistiu que precisava de falar contigo.

Estranho. Faço por conter a minha preocupação crescente, dizendo para mim mesma que poderá não ser nada de grave. Afinal de contas, eu também passo a vida a telefonar ao Damien durante as suas viagens de avião. É apenas uma outra forma de comunicar. Deve precisar de um contacto que a Rachel não consegue achar ou então está com a agenda demasiado sobrecarregada e quer que eu intervenha num dos seus projetos. Algo trivial e de fácil resolução.

Nada de crítico. É que já tenho que me chegue de situações críticas, de momento.

O Grayson volta com uns auscultadores. Eu coloco-os e espero que ele regresse ao *cockpit* para me passar a chamada.

Alguns segundos depois, oiço o Trent Leiter em linha.

— Estás sentada?

— O que é que achas, Trent? Estou num avião.

— Desculpa, desculpa. — Vomita nervosamente as palavras, umas por cima das outras. Isso é o suficiente para me fazer levantar e andar desenfreadamente pela cabina, pois sei que o Trent não se deixa abalar facilmente.

O Jackson move apenas os lábios a perguntar-me o que se passa.

Eu limito-me a encolher os ombros.

— Raios, Trent, o que se passa?

— Oh, raios... — diz ele. Quase que o estou a ver de ombros caídos. O Trent não é mal parecido, mas também não é do tipo dominante. O seu trunfo é o sorriso infantil com que surpreende os clientes e ele sabe tirar partido dele. Aborda-os amigavelmente em bares desportivos e em jogos dos Lakers, e fisga-os com algumas cervejas e as últimas estatísticas dos jogadores.

Por isso, o desconforto nervoso que sinto na sua voz diz-me que as notícias não são boas. Pior ainda: tenho a certeza que é acerca da estância, o que arruma de vez com a minha breve fantasia de que estaria a telefonar para me pedir que desse assistência a um investidor qualquer, durante uma visita a Century City.

E, por isso mesmo, levanto-me.

— *Trent?* — insisto eu, e começo a passarinhar.

— Já saiu — diz ele. — Bastou o raio de uma pequena fuga de informação, para sair em toda a parte.

Estou agora quase ao pé da porta fechada do *cockpit*. Viro-me para trás e os meus olhos cruzam-se imediatamente com os de Jackson. Ele levanta-se, visivelmente preocupado com a minha expressão, mas eu abano a cabeça para o impedir.

— O quê? — pergunto, num tom de voz tenso. — O que é que saiu?

— Um artigo no *Business Round-Up* — informa ele, referindo-se ao pequeno jornal local que serve o centro de Los Angeles. — Não sei como conseguiram a história, mas estava no *website* do jornal, esta manhã. Os tabloides apanharam-na algumas horas depois e agora está em toda a parte.

— O que é que está em toda a parte? — repito eu. — Vá lá, Trent, desembucha. — Ao mesmo tempo que o digo, volto para o meu lugar e procuro o meu *tablet*, para poder eu mesma verificar o *Business Round-Up*. Tento ligar-me à Internet, mas depois lembro-me de que o Grayson me disse para não me preocupar em iniciar o wi-fi, pois o voo era apenas de algumas horas, e não tardaríamos a mergulhar de cabeça na realidade.

— O artigo diz que os investidores estão preocupados e que já estavam inquietos por causa do Lost Tides — diz ele, referindo-se a uma estância concorrente que está a ser construída em Santa Barbara, apenas a algumas horas de carro da minha estância em Santa Cortez. É uma grande pedra no sapato porque os empreiteiros estão a manter os pormenores em segredo, na expectativa de um grande evento de Relações Públicas, quando estiverem prestes a abrir portas. Mas eu disponho de informação suficiente para saber que a estância se inspirou na minha ideia para Cortez, o que, muito francamente, me enfurece.

O Trent pigarreia e prossegue:

— Agora dizem que se o arquiteto da estância de Cortez é suspeito de assassinio, talvez não seja o tipo de projeto que lhes convenha financiar.

— *Foda-se.*

Não sei ao certo quando me voltei a sentar, só sei que estou sentada e o Jackson está inclinado para a frente, com um ar preocupado.

Conta-me, insiste ele, em silêncio.

E desta vez, eu conto-lhe.

— Já saiu — sussurro. — Houve uma fuga de informação. Eles já sabem que tu és suspeito. — Levanto a voz, ao dirigir-me ao Trent. — Como é que isso aconteceu?

— O meu palpite é que algum repórter mais obstinado tenha um informador na Esquadra de Polícia de Beverly Hills. Quando se procura fazer notícia de mexericos frescos sobre celebridades, é o local ideal para sacar de umas notas e ver quem precisa de luvas.

— Merda. — Respiro fundo e tento manter a calma. O Jackson está sentado ao meu lado e parece bem capaz de furar a fuselagem do avião com um punho, mas como a ideia é um pouco avessa ao meu receio de andar de avião, agarro-lhe numa das mãos e aperto-a na minha. O que eu quero é sair do telefone. Atirar com os malditos auscultadores pelo ar e saltar para o colo do Jackson. Abraçá-lo com força, deixar que ele me abrace também, e respirar.

Por acaso, não é verdade. Quero muito mais do que isso. Quero a boca dele em mim, quero sentir o toque das suas mãos, quero que ele me faça esquecer, que me expurgue dos meus medos.

E quero fazer o mesmo por ele.

Mas um pequeno jato com uma fina porta entre o *cockpit* e uma cabina única de oito lugares não é o local indicado para isso.

Na verdade, o que mais receio é que o Jackson me afaste dele, de forma gentil mas penosamente eficaz, com um gesto delicado e um beijo.

Volto a levantar-me, frustrada, sentindo-me demasiado ansiosa para ficar quieta no meu lugar, e o Trent pergunta-me, hesitantemente:

— Syl? Ainda aí estás? Não perdi a chamada?

— Ainda aqui estou. O Damien já sabe?

— Sabe.

Ao ouvir o nome do meio-irmão, o Jackson levanta-se também. Roça-me os dedos pelo ombro, demonstrando em silêncio o seu apoio, e dirige-se para a cauda do avião. Parece prestes a implodir e não apenas a andar de um lado para o outro. Como se estivesse a sugar raiva e energia para dentro de si. Percebo que precisa de extravasar.... Embora a receie, aceitarei de bom grado essa explosão quando finalmente sairmos do raio do avião. Acho que ele precisa disso e eu também, raios partam.

— E então? — insisto. — Qual é a posição dele?

— Está preocupado — diz o Trent. — E tem razão para isso. Os investidores recuaram e tu tens um imbróglio nas mãos. Ele está a tentar controlar os danos, neste preciso momento.

— Como?

— O Dallas está na cidade. O *Round-Up* contactou-o. — O Dallas Sykes é um dos principais investidores da estância, e qualquer história relacionada com o herdeiro estroina do império de centros comerciais está destinada a tornar-se viral. As suas escapadelas são um tema constante nos tabloides. Desde criança que é, aliás, alvo da atenção da comunicação social. Tudo serve: brigas, festas exuberantes, condução perigosa, para não mencionar as vezes que já desapareceu por completo do mapa, provavelmente para se esconder com uma oferecida qualquer.

— Eu devia telefonar ao Damien — refiro.

— Não é necessário. Ele já está a tentar acalmar os ânimos. Eu disse-lhe que te ia telefonar.

— O Aiden está por aí?

— Eu é que vi o artigo — diz o Trent, exasperado. Eu retraio-me.

— Desculpa. Foi sem intenção. — Eu percebo porque é que ele está sensível. O Trent é responsável pelos projetos no Sul da Califórnia, e a estância em Cortez deveria ser sua, por direito, mas como a ideia foi minha, o Damien nomeou-me gestora de projeto. Eu reporto ao Aidan Ward, vice-presidente dos Empreendimentos Imobiliários Stark, passando totalmente por cima do Trent.

— Escuta, fico-te muito agradecida pela chamada de atenção.

— Pois. Deduzi que quisesses estar um passo mais à frente. A estância já está comprometida e eu não gostaria nada que a perdesse por causa disto. É um disparate.

Perder a estância.

Perder a estância?

Percebo, sobressaltada, que tenho andado a dormir. A possibilidade de o Jackson ser preso tem-me absorvido de tal forma, que nem sequer

me ocorreu que a estância me pudesse escapar por entre os dedos, apenas pelo facto de o Jackson ser suspeito.

Um pavor gelado e denso percorre-me as entranhas. Eu fizera tudo o que era humanamente possível para erguer Cortez. Vivia e respirava em função do projeto, pondo até a minha vida sentimental em risco por ele.

Abano energicamente a cabeça.

— Nem morta vou perder a estância. Essa questão nem sequer se coloca. — Mas ao mesmo tempo que o digo não consigo evitar uma sensação de pavor crescente. Eu não posso controlar a comunicação social e se os investidores acharem que o Jackson é tóxico, todo o meu trabalho se perderá, como um dente-de-leão arrastado pelo vento.

— Não era minha intenção... — começa por dizer o Trent.

— *Não*. — A palavra explode de dentro de mim, a vermelho, e exsuda pânico.

— Syl — O tom de voz de Jackson é suave e firme. — Diz-lhe que é altura de desligar o telefone. Em breve regressaremos a Los Angeles. Tu não vais perder a estância. Nem penses nisso.

Oiço o Trent pigarrear através dos auscultadores.

— Syl?

— Tenho de desligar — respondo-lhe, mecanicamente.

— Pois, mas há mais uma coisa. A história não foi só publicada no *Round-Up*. Eles foram apenas os primeiros a publicá-la.

— Eu sei. Já o disseste.

— Sim, mas o que eu estou a querer dizer é que eles não estão apenas a repetir a informação de que ele é suspeito, estão a especular sobre o motivo e tudo isso.

Sinto um aperto no estômago e procuro imediatamente a mão do Jackson.

— O motivo? — Resisto à tentação de morder o lábio inferior.

— O filme, a agressão. Basicamente o que seria de esperar — diz ele, e eu quase consigo ouvi-lo a encolher-se todo. Para ser franca, a minha vontade é encolher-me também. Ao meu lado, o Jackson tira

atabalhoadamente o meu *tablet* da bolsa do assento, com a mão esquerda. Depois, toca-lhe e pragueja ao ver que este continua *offline*.

— Escuta, tu própria poderás ler a notícia assim que aterrarem. O Damien pediu-me para te informar que tudo isso será abordado na reunião de hoje à noite.

— Certo. Muito bem. Com certeza.

— Estás bem?

Não. Nem pouco mais ou menos.

— Sim. Acabarei por ficar bem, obrigada. Obrigada por olhares por mim.

Ele faz uma pausa, dizendo depois suavemente, com a voz carregada de emoção:

— Achavas que eu ia atirar-te aos lobos, Sylvia?

— Eu? Não... — começo por dizer, mas já não interessa, porque ele já desligou.

— Conta-me — diz o Jackson, e eu resumo-lhe a história do artigo no *Round-Up*, e falo-lhe do Dallas.

— Foda-se. — O palavrão é sentido e eu secundo-o em silêncio. — E o resto? Tu disseste que havia falatório acerca do motivo.

— É tudo o que sei. O Trent só mencionou o filme e a agressão. Isso e o facto de a história estar a espalhar-se. — Poiso delicadamente a palma da minha mão na sua perna. — Nós vamos superar isto — acrescento. — A questão da estância, do tribunal. Tudo isso.

Quero que ele me repita essas palavras, que cubra a minha mão com a sua e me aperte delicadamente os dedos. Quero que me coloque um braço por cima dos ombros e me abrace, dizendo-me que estamos nisto juntos, aconteça o que acontecer. Quero sentir-me perto dele, mas pelos vistos, o que eu quero pouco importa, porque quando o Jackson levanta a cabeça e me encara, fico com a sensação de estar a olhar pelo lado errado de um telescópio. O que deveria estar próximo parece-me subitamente extraordinariamente distante.

— Jackson? — O seu nome é um sussurro mas é também uma súplica, e ele não me responde imediatamente. Está rígido e distante,

com uma expressão dura e um olhar glacial. Sinto uma onda de pânico crescer dentro de mim e aperto com força os braços do assento, para me defender dele. O Jackson não disse nada, nem fez nada e, no entanto, eu estou absolutamente convencida de que ele se está a afastar inexoravelmente de mim. Não entendo isso, nem sei como o evitar.

Quando estou prestes a gritar de novo o seu nome, ele descontra os ombros e assume uma postura mais relaxada. Depois, olha-me de relance e eu quase desfaleço de alívio, por ver que o gelo nos seus olhos derreteu.

Ele ergue as mãos e passa os dedos pelo cabelo, curvando-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça aninhada nas mãos.

— Meu Deus, Syl, estraguei tudo.

Fico, por instantes, paralisada ao confrontar-me subitamente com um dos possíveis significados daquelas palavras: *Quererá isto dizer que ele matou o Reed?*

Em que pé ficaremos nós, se assim for?

Ergo a mão para a poisar no seu ombro. Preciso quase tanto deste contacto físico como de oxigénio.

Mas não chego a tocar-lhe.

Logo a seguir dou comigo a gritar, agarrada aos braços do assento. A lata em que voamos está aos saltos, como se estivéssemos num trampolim. A sacola que tinha no chão, aos meus pés, voa e bate contra o teto, caindo de novo para o chão, sempre acompanhada pelos meus gritos agudos.

O som da minha voz é interrompido por uns estalidos ásperos. É o intercomunicador e o Grayson está a falar:

— Desculpem lá isto — diz, estabilizando, entretanto, o avião. — Apanhámos um enorme poço de ar na descida, mas está tudo bem. Aterraremos dentro de 15 minutos.

Quando ele termina, inspiro bruscamente, dando então conta de que estava a conter a respiração. Tento largar o braço do assento, mas a minha mão parece colada a ele. Aquela experiência quase fatal perturba-me

de tal forma que fico por instantes genuinamente confusa. Quando recupero o raciocínio, apercebo-me de que o Jackson está a agarrar-me firmemente na mão, acariciando-me ao mesmo tempo a parte interna do pulso com o polegar e está a dizer-me:

— Está tudo bem, Syl, está tudo bem.

Eu inspiro tremulamente e fico estonteada, tal é o alívio e a esperança que sinto.

— Está tudo bem — repete, quando eu me viro e o olho nos olhos. Ele leva delicadamente a minha mão aos lábios e beija-me os dedos. — Agora, já estás melhor.

Eu suspiro e anuo com a cabeça, ainda com o coração a bater a um ritmo desenfreado.

Sim, ele está a reconfortar-me. Só Deus sabe o quanto preciso disso. Mas isso não quer dizer que acredite nele.

Tiveste notícias do Sr. Stark? — Navego pelos sites das redes sociais enquanto converso com a Rachel Peters, a assistente do Damien aos fins de semana, ao mesmo tempo que caminho pela pista de asfalto, em frente ao Hangar J, um dos hangares particulares da Stark International, no aeródromo norte do aeroporto de Santa Monica.

Na verdade, a empresa possui dez hangares, e também a Sala de Convívio, que é o nome que damos ao enorme e sombrio edifício que aloja os escritórios dos tripulantes, uma cozinha e um refeitório, um bar bem provisionado, destinado aos passageiros que chegam e à respetiva tripulação, uma ampla área recreativa com uma mesa de bilhar e um ecrã gigante de televisão, e dois quartos a que os tripulantes têm acesso apenas em caso de necessidade.

Estou agora a dirigir-me para lá, a alguns minutos do Jackson, que se afastou com Darryl porque este lhe prometeu uma bebida.

— Estamos praticamente na *happy hour* — dissera o Darryl. — E, francamente, parece estar a precisar de uma bebida.

Como eu precisava de fazer aquele telefonema, prometi que iria lá ter e abrandei o passo para me entregar às minhas tarefas múltiplas. Precisava de tempo para sondar a agitação da comunicação social, antes de falar com o Jackson. Para dizer a verdade, acho que ambos temos de estar preparados para a tempestade que está prestes a abater-se sobre nós.

— Não, não tive quaisquer notícias dele — diz a Rachel, em resposta à minha pergunta.

O meu trabalho na estância de Cortez tem-me afastado cada vez mais frequentemente do secretariado do Damien. Em consequência disso, o horário de fim de semana da Rachel está a alargar-se mais para os dias de semana do que inicialmente esperávamos. Mas ela está a fazer um bom trabalho e o Damien deixou bem claro que eu devo motivá-la a assumir as minhas responsabilidades se eu começar, ou quando eu começar, a trabalhar a tempo inteiro como gestora no departamento imobiliário.

E como esse é justamente o meu objetivo, estou empenhadíssima na formação. O que considero mais importante que a Rachel perceba é que para se ser assistente do Damien é preciso estar por dentro do que se está a passar no resto da empresa. Não é possível conservar o emprego de outra forma.

Motivo pelo qual lhe digo:

— Não tiveste notícias, mas...

— *Mas...* — diz ela, seguindo a minha orientação — ... o Dallas telefonou-me há cerca de 15 minutos a pedir-me que lhe reservasse uma suíte do Century Plaza.

— Ah, sim? E o que é que isso te diz? — Eu sei o que me diz a mim e faço mentalmente figas para que a Rachel o perceba também.

— Que não vai recuar, pelo menos por agora, e mesmo que esteja a pensar recuar, ainda não o comunicou ao Sr. Stark. Muito sinceramente, acho que ele está para ficar. Tirar partido da hospitalidade do Sr. Stark e depois cortar os fundos de investimento serviria apenas para o irritar. E acho que nem mesmo um homem como o Dallas Sykes desejaria arranjar problemas a Damien Stark.

— Nada mau — disse eu. — E que mais?

— Bom, o resto é um pouco mais difícil. Posso estar completamente enganada.

— Esse é o teu trabalho, Rachel. Uma assistente do género capacho, que só consegue fazer o que o Sr. Stark lhe manda, não serve para nada.

— Certo. Não me parece que o Dallas seja um bom barómetro. Não em relação ao que os outros investidores vão fazer, quero eu dizer. — Embora esteja a fazer afirmações faz uma inflexão final, como se estivesse a fazer uma pergunta.

— OK — digo eu, contendo um sorriso, ao recordar-me do meu próprio nervosismo na altura em que substituíra a primeira assistente de Damien. — Porque é que dizes isso?

— É que ele é bastante imprevisível. Um estroina que serve de alimento aos tabloides, percebes? Quer isto dizer que os outros investidores ainda poderão recuar, sobretudo depois de tudo o que se passou hoje. Ou seja, continuamos fodidos.

Dou uma sonora gargalhada ao ouvir o último comentário, e sinto-a arquejar do outro lado da linha.

— Mas *nunca* o colocaria dessa forma ao Sr. Stark.

— Não faz mal — assevero-lhe. — Eu entendo. Para ser sincera, acho que «fodidos» resume em pleno a situação.

Estou com os meus auriculares postos, o que me permite olhar para o *browser* do meu telefone enquanto falamos, e embora não tenha percorrido o ecrã para ler nenhum dos artigos, o que vi é o suficiente para concluir que o Trent tem razão. A merda da história está em toda a parte, e todos agoiram o pior, dando a entender que os investidores estão metidos num grande sarilho e que a estância está condenada. A estas horas, o Jackson já a viu, com toda a certeza.

— Queres que te envie o depoimento do Nigel?

— Do Nigel? — repito eu. Só conheço um Nigel, um amigo do Damien que trabalha no Pentágono e foi um contacto muito útil no início do ano, quando as Propriedades de Férias Stark compraram a ilha de Santa Cortez, onde a estância está ser construída. — O Nigel Galway?

— Sim. O depoimento sobre as minas terrestres.

Eu paro bruscamente na pista.

— De que raio estás tu a falar, Rachel?

— O Trent não te contou?

— O Trent falou-me das fugas de informação sobre o Jackson, e das especulações sobre o motivo do crime. Se te estás a referir a minas terrestres em termos metafóricos, entendo-te perfeitamente, de contrário terás de me explicar de que é que estás a falar — digo-o num tom pausado e bem articulado.

Sinto um nó no estômago e a pele pegajosa. Estou com a terrível sensação de que sei onde a conversa vai parar, o que não prenuncia nada de bom.

— Todos os investidores receberam um e-mail com a informação de que a ilha de Santa Cortez estava cheia de minas terrestres, e que estas faziam parte das operações de treino do exército.

— Merda, foda-se, *raios partam!* — praguejo inadvertidamente. Depois, respiro fundo. — O Nigel fez um depoimento?

— O Aiden e o Damien falaram com ele há cerca de uma hora. Mal posso acreditar que o Trent não te tenha falado disso. Provavelmente, achou que o assunto estava resolvido, e ficou de facto resolvido. A sério. Quer dizer, até pode ser que tenha repercussões, mas...

— Diabos me levem, Rachel, volta atrás e conta-me o que aconteceu.

E ela acaba por me contar. Aparentemente, os investidores receberam uma cópia pirateada de um memorando do Pentágono, a propor que se enterrassem minas terrestres na ilha de Santa Cortez, na altura em que esta estava a ser utilizada como campo de treino da marinha. A proposta foi rejeitada e as minas nunca chegaram a ser enterradas na ilha, um facto que o Nigel documentou por escrito, e que o Damien transmitiu aos investidores.

Grosso modo, era uma questão insignificante que foi facilmente resolvida.

Mas embora insignificante, apontava para um problema maior — alguém continuava a interferir com a minha estância e não pareciam dispostos a parar.

Desde que Jackson se juntara ao projeto, que a Estância de Cortez estava a ser assolada por estranhos incidentes. Vídeos de segurança divulgados à imprensa, e-mails privados que se tornavam virais. Embora,

na maior parte dos casos, fossem apenas inconveniências, estavam a revelar-se suficientemente problemáticas para consumir o meu tempo e minar a confiança dos investidores.

Julgava que isso tinha acabado, mas pelos vistos, estava enganada.

Peço à Rachel que reencaminhe o depoimento do Nigel, para eu ficar a par de tudo, termino a chamada e acelero o passo, não apenas por me sentir agora com energia para queimar, mas também por querer ir ter com o Jackson.

Assim que entro na Sala de Convívio, detenho-me e esquadrinho o interior desta à procura dele. A sala está praticamente vazia. Fico a saber que o nosso voo foi o único que chegou hoje à propriedade e que o pessoal não costuma trabalhar aos domingos, o que significa que não terei dificuldade em encontrá-lo. Mas embora o Darryl esteja à espera ao balcão, não vejo o Jackson em parte alguma.

— Ele foi à casa de banho?

Aproximo-me e o Darryl levanta os olhos. É um homem magro com uma expressão acabrunhada, que o faz parecer ter mais de 28 anos e nos transmite a sensação de que está sempre sonolento. Mas eu sei que isso é uma ilusão. Basta olhar para aqueles olhos penetrantes, para se perceber que o Darryl é um piloto extremamente competente. Espero francamente que um dia ocupe o cargo do Grayson.

— Acabou de sair e perguntou se eu me importava de a levar a casa. Disse que precisava de tratar de uns assuntos antes da reunião de hoje à noite. — Faz uma pausa e observa a minha expressão de olhos semi-cerrados. — Presumo que a ideia não lhe agrada muito.

Claro que não me agrada, mas limito-me a dizer-lhe:

— Não se preocupe com isso. Usarei um dos carros da empresa. Eu também tenho algumas coisas para fazer.

Apetece-me sair dali rapidamente, mas não quero dar a entender que estou preocupada, por isso, dirijo-me calmamente ao frigorífico, por trás do balcão, e tiro uma garrafa de *Perrier*. Depois, penduro a sacola ao ombro, agarro na mala de rodízios que o Darryl deixara junto da porta lateral e encaminho-me lentamente para fora da sala.

Porém, assim que chego lá fora, dobro a esquina praticamente a correr, em direção ao parque de estacionamento coberto, encostado às traseiras do edifício. Trata-se de uma frota de veículos que a Stark International mantém para uso dos clientes, investidores e consultores que chegam àquele aeroporto. Estou a infringir por completo a política da empresa ao rapinar um para meu uso pessoal, mas de momento, isso pouco me importa.

Emocionalmente falando, o Jackson tem estado a jogar às escondidas comigo desde que a polícia apareceu em Santa Fé e agora a aperfeiçoar esse jogo.

Infelizmente para ele, não é jogo em que eu esteja disposta alinhar.

Na parede lateral do edifício há um cofre. Digito o código e agarro nas chaves de um *Mustang* amarelo-vivo. Encaminho-me apressadamente para ele e ponho o motor a trabalhar, congratulando-me com o seu rumor ao fazer marcha-atrás. É um carro reativo, com muito mais garra do que o meu *Nissan* de cinco anos, e suficientemente potente — espero eu — para alcançar o do Jackson.

Ele não pode carregar no acelerador enquanto não abandonar o terreno do aeroporto, mas eu estou mais do que decidida a quebrar as regras e fazer exatamente isso. Tenho esperança de que ainda não tenha passado pelos portões, pois jamais o conseguiria encontrar nas ruas da cidade. Certamente, não saiu assim há tanto tempo. Ou será que saiu?

Há uma única estrada que percorre toda a concessão da Stark do aeroporto, e eu tenho a certeza de que foi o trajeto escolhido pelo Jackson. Mas eu sei como cortar caminho pela estrada de serviço, por trás dos hangares da Stark e, com um pouco de sorte, conseguirei apanhá-lo junto do Hangar C, onde a estrada de serviço converge com a estrada principal.

Não sei ao certo o que farei nessa altura, mas não está fora de questão segui-lo até ao local para onde pretende fugir, pois sei muito bem que não vai para casa. Precisa de uma briga. Precisa de extravasar, submeter o mundo à sua vontade, até que o universo se volte a endireitar.

O que não parece é precisar de mim. Só de pensar que para além de estar a fugir de mim, o fez pela porta do cavalo, sinto vontade de me enrolar num novelo e chorar. Felizmente, a minha raiva sobrepõe-se a esse sentimento. Estou exaltada, inflamada pela minha própria fúria. Mais tarde, chorarei. Neste momento, quero apenas encontrá-lo, sacudi-lo, e pedir-lhe que esqueça o assunto, pois já temos problemas que cheguem, e eu não sou propriamente um deles.

A minha cólera está a aumentar enquanto penso e eu apercebo-me de que acelerei quase até aos 140 quilómetros por hora, o que é absolutamente proibido dentro dos terrenos do aeroporto.

Afundo o pé no acelerador, forçando mais ainda o ponteiro do velocímetro. Não estou preocupada com a segurança. Aquela parte do aeroporto é essencialmente utilizada para estacionamento de aviões e armazenagem de peças, e mesmo durante a semana raramente se vê alguém por ali. Mas creio que carregaria a fundo no acelerador mesmo que o local estivesse movimentado. As regras são o que menos me preocupa agora. O meu ímpeto anárquico é recompensado, ao passar por um aglomerado de aviões estacionados na pista, logo a seguir ao Hangar D. Os aviões estão à minha direita e, para lá deles, distingo uma mancha negra: o *Porsche* do Jackson.

Estou ao lado dele, talvez um pouco mais à frente. Carrego a fundo no acelerador e quase não abrando ao alcançar o Hangar C, desfazendo a curva acentuada, à direita, que me levará à extremidade norte do edifício e que me posicionará na perpendicular em relação a ele, na altura em que for a passar pelo hangar.

Bato com força no volante, como se isso pudesse forçar o carro a andar mais depressa e avisto o *Porsche* negro do Jackson à minha direita no instante em que ultrapasso o hangar. Travo a fundo e atravesso-me bruscamente no seu caminho, deixando-lhe apenas espaço para carregar nos travões.

Retraio-me ao ouvir o guincho dos travões, apercebendo-me tarde demais de que um embate terá consequências muito graves. Não apenas pelo facto de eu me ferir, mas também pelos danos no *Porsche*.

O Jackson lidaria muito mal com um desfecho desses.

Mas não é com o *Porsche* que tenho de me preocupar, pois ele consegue pará-lo a escassos centímetros do *Mustang*. Logo a seguir, sai do carro e aproxima-se da minha porta tão depressa, que eu contenho a respiração. Bate com força no tejadilho com as palmas das mãos e eu dou um salto, resistindo à tentação de trancar a porta, para ficar em segurança dentro do carro.

Porém, o importante ali não é ficar salvo.

O importante é entrar naquela maldita cabeça dura.

— O que raio estás tu a fazer? — pergunta, enfaticamente, enquanto saio disparada do *Mustang*.

Mas eu não lhe respondo, surpreendendo-o a ele e a mim própria ao esbofeteá-lo com força.

— **O** que raio? — Precisas de uma briga? — replico eu, num tom insistente e áspero. Sinto a pele quente e irritada. Estou a pisar terreno perigoso, e estou consciente disso, mas agora já não posso recuar. — Precisas de bater em alguma coisa? Precisas de atacar alguém? Já uma vez te disse, Jackson, e estava a falar a sério. Estou ao teu dispor para tudo o que precisares.

— Preciso de estar sozinho.

— Tretas — digo eu, ao mesmo tempo que ergo a mão para lhe bater de novo.

Ele agarra-me no pulso e torce-o, por isso, eu não tenho outro remédio senão mover-me para onde ele quer. Agora é ele que está encostado ao carro e eu estou de pé, sem ter onde me amparar a não ser na mão com que ele me está a agarrar.

Ele larga-me e aproxima-se lenta e ameaçadoramente de mim. Está com um olhar ferino, selvático. Os reflexos acobreados do seu cabelo cor de carvão brilham como fogo, contrastando em absoluto com o azul frio e duro dos seus olhos.

Humedeço os lábios e engulo em seco, dando um passo atrás, depois outro, e outro ainda, pois ele continua a avançar.

— Que raio de jogo é este, Syl? — pergunta, num tom de voz tenso.

— O teu. — Respiro fundo. — Raios, Jackson, achavas que eu não ia dar por isso? Acreditavas mesmo que eu permitiria que me afastasses de ti? Diz-me! — digo eu, num tom insistente. — Fala comigo. Se não queres falar comigo, fode-me. Nós tínhamos um acordo. Nem penses que te vais embora sozinho, para dar uma sova em alguém.

— *Não faças isso.* — Aproxima-se bruscamente de mim, o que me assusta e me compele a dar mais um passo atrás. Mas não tenho por onde me escapar. Estacionara o *Mustang* perto do hangar e estamos agora junto à parede metálica exterior.

Ele empurra-me contra ela. O impacto repercute-se pelo meu corpo e eu sinto-me vibrar de energia e de desejo. Mas isto não tem a ver com sexo — por enquanto, não — tem a ver com comunicação, com a necessidade de comunicar com ele. Porque tenho medo — sinto um pavor terrível — de estar a perder o homem que tanto lutou para me ter de volta.

Eu e ele já caminháramos sobre fogo e a ideia de que seja o Robert Cabot Reed a destruir-nos é insuportável.

Estou ofegante e ele também. Cercou-me com os braços e encurralou-me contra a parede. Nesse preciso instante, ocorre-me que aquilo poderá acabar de inúmeras formas e que talvez tenha cometido um erro, porque o Jackson tem mau feitio. Às vezes, precisa de dar uma carga de pancada em alguém e eu estou um pouco receosa de que esse alguém acabe por ser eu.

Observo o seu rosto enquanto ele tenta respirar e se agarra ao controlo como se este fosse a sua tábua de salvação.

— Não me provoques, Syl. Não hoje. Não agora.

— Quero lá saber, Jackson. Nós tínhamos um acordo. Queres fugir e meter-te numa briga? Queres dar cabo de alguém? Lembra-te, não é para o ringue que te deves virar, mas sim para mim. É para mim que te deves virar.

— Hoje não. — Está com os maxilares crispados e a voz tensa. Está a tentar controlar-se, mas eu estou decidida a romper-lhe a carapaça e a forçar a explosão, para que consiga, *finalmente*, lidar com a merda que tem estado a acumular dentro dele.

— Porque não, Jackson? Porque não hoje?

— Porque eu não estou à procura de uma briga, raios, estou a fugir de ti.

As suas palavras frias e inesperadas são como uma faca a trespassar-me. Ardem-me os olhos e eu viro a cara, piscando energicamente os olhos, pois não quero que ele perceba que me magoou, porque o Jackson Steele é a única pessoa no mundo que jamais me magoaria. É o meu guerreiro. O meu cavaleiro. O raio do meu protetor.

É então que a verdade me atinge, com uma violência semelhante à bofetada que lhe dei, e eu entendo tudo. Então é disso que se trata.

Viro a cabeça para o encarar, embora ele não olhe para mim, e ergo a mão, encostando-a à sua face. Um músculo estremece por baixo da palma da minha mão e eu sinto os seus maxilares crispados. Ele está a fazer todo o possível para se controlar e eu estou a fazer a única coisa que me ocorre para o convencer a abrir mão desse controlo.

— És um idiota — digo eu, suavemente. — Forcei-te a abandonar-me uma vez, porque estava a tentar proteger-me. Não permitirei que me abandones agora, por achares que me estás a proteger.

— Eu é que sou idiota? — diz ele, num tom de voz grave e perigosamente cortante. — Estás envolvida com um homem que tem uma filha, um homem que pode ir parar à cadeia, e graças ao qual o projeto mais importante da tua vida vai cair por terra, porque o teu arquiteto vai dar com os costados na prisão.

— Estás enganado. A coisa mais importante da minha vida és tu.

Ele retrai-se ligeiramente e eu continuo a falar:

— Estás assustado — digo eu. — Achas que eu não percebo isso? Caraças, Jackson, eu estou apavorada. Não consigo suportar a ideia de te perder e odeio o universo só pelo facto de estar a ameaçar afastar-te de mim. Podes ter a certeza que não sobreviveria se me abandonasses.

Agora os seus olhos azuis penetrantes estão pregados nos meus e eu consigo ver tudo até à alma. Frustração, raiva, desejo. Não posso ficar ali parada à espera que ele tome uma decisão, raios.

Atiro-me a ele.

O beijo é desenfreado e duro. Uma batalha sensual que estou decidida a ganhar. Provoco-o com a língua e atormento-o com os dentes. A princípio, os seus lábios estão rígidos e renitentes, mas depois tudo muda e ele reclama-me e começa a exigir. A consciência dessa pequena vitória inunda-me, inflamando o meu corpo de desejo selvagem, um desejo que estou determinada a satisfazer.

A minha mão desliza até à sua nuca e eu puxo-o para mim, pois quero beijá-lo mais profunda e intensamente. Quero que perca a cabeça. Quero desmontá-lo, quero que ultrapasse o que nos tem mantido distantes, essa barreira gelada que não consigo atravessar.

Mas agora estou a conseguir e não há afrodisíaco mais potente que essa evidência.

Ele afasta-se e quase grito para protestar. Mas depois vejo o seu rosto, o calor, a energia, o desejo feroz estampados nele. Há também algum perigo e eu aceito-o de bom grado.

— Jackson — sussurro e desta vez, é quanto basta.

Ele empurra-me violentamente contra a chapa metálica, ondulada.

— É isto que queres? — grita — Queres que eu te foda? Queres ser usada, só por aqui estares e eu precisar?

As suas palavras são ásperas, e o propósito delas é fazer-me recuar, mas o que oiço é o que ele está de facto a dizer: *porque eu preciso de ti*. Também eu preciso dele, meu Deus.

Olho-o duramente nos olhos

— Sim — respondo eu. — Sim, por favor.

Sinto-me imensamente aliviada e excitada ao ver um ardor crescente derreter-lhe o gelo nos olhos. Estou molhada de desejo e cada centímetro da minha pele parece ter ligação direta com o meu sexo, não apenas porque o meu corpo reage sempre ao toque do Jackson, mas porque me excita saber que me ele deseja tanto, pelo facto de me estar a reclamar e a usar, para se sentir inteiro.

Ele beija-me com uma violência desenfreada, reclamando-me, possuindo-me e *penetrando-me* com a língua, repuxando-me o lábio inferior com os dentes ao afastar-se.

Oiço a sua respiração tão descompassada e rápida como a minha. Ele puxa-me a t-shirt para cima e abre-me o fecho frontal do sutiã, e eu arquejo de prazer mas também de surpresa, pela forma como o meu corpo se retesa, ansioso por mais, desejoso do Jackson.

O ar está fresco o que me enrijece mais ainda os mamilos. Ele roça a ponta de um dedo, tão ao de leve, por um deles, que o toque é quase impercetível.

Mas a reação é incrível, céus! É como se ele me tivesse tocado com um fio elétrico. A sensação propaga-se diretamente ao meu sexo, e eu expludo, sentindo o orgasmo ondular-me pelo corpo. Um orgasmo incrível, selvático, totalmente inesperado.

Não me apercebo sequer de que fechei os olhos, mas quando os abro dou de caras com o Jackson a observar-me, com uma expressão ávida. *Sim*, penso eu. *Mais*.

Essas são as duas únicas palavras que tenho em mente, os únicos pensamentos que consigo articular, e mesmo quando ele me diz para me virar, a minha mente só o assimila, quando ele me vira de facto.

— Dobra-te — diz ele, abrindo-me sem dificuldade o botão das calças de ganga. — Mãos na parede. — Ele está mesmo atrás de mim e eu sinto o seu pénis repuxar-lhe a ganga das calças de ganga, ao pressioná-lo contra o meu rabo.

Ele abre-me o fecho das calças, puxando-as para baixo com ambas as mãos. O torpor erótico em que mergulhei dissipa-se por instantes e eu apercebo-me de onde estamos, mas a verdade é que não quero saber. Estamos praticamente encobertos pelos nossos carros e aquela parte da propriedade não é usada, pois aquele hangar destina-se a armazenagem.

De resto, ele precisa disto e eu também. Não vou correr o risco de parar e deixar que ele vá para um maldito ringue de boxe ou sabe Deus para onde, estando prestes a tê-lo de volta.

Ele puxa-me as calças e as cuecas, deixando-as ligeiramente acima dos joelhos. Eu estou inclinada para a frente, com a t-shirt puxada para cima, o sutiã aberto, e os seios à mostra. Estou molhada, terrivelmente

molhada, e quando ele mete a mão entre as minhas pernas e me massaja o clítoris, eu estremeço de desejo.

Oiço abrir o fecho das calças e sinto a cabeça do seu pênis afagar a curva do meu rabo. Deixo escapar um gemido e tento abrir mais as pernas, mas estou presa pelas calças de ganga. Sinto-me desenfreada, sem um pingo de vergonha. Se não fosse ele que estivesse a comandar as operações, despir-me-ia completamente e fodê-lo-ia de bom grado, sobre o asfalto.

— Tu precisas tanto disto como eu — sussurra. Não é uma pergunta nem uma afirmação. É uma manifestação de assombro, um testemunho de ligação.

— Sim — digo eu. — Se preciso, meu Deus.

— Tu deste-me uma bofetada. — Agora o seu tom é ligeiramente dominante, e eu estremeço de expectativa, retesando o corpo só de sentir o calor e o poder na sua voz.

Fui eu que comecei aquilo, mas não posso deixar de admitir que quero que seja o Jackson a terminá-lo. Quero abandonar-me às suas exigências, quero amolecer e sentir-me molhada pelo prazer de me submeter a ele. Mais do que isso: sei que para vencermos isto, ele tem de assumir o controlo.

Mas graças a Deus, está assumi-lo.

— Tu és malandra — diz ele, num tom brincalhão, batendo-me ao de leve no rabo —, muito malandra. — Desta vez, bate-me repetidamente, com mais força.

Arquejo não de dor, mas também pelo delicioso prazer de a sentir e gemo lascivamente, quando ele me afaga o traseiro a arder com a palma da mão antes de a mergulhar de novo entre as minhas pernas, introduzindo grosseiramente os dedos dentro de mim.

Contraio os músculos em torno deles, ansiosa por mais, tal como o Jackson, felizmente. Ele está ali mesmo, a pressionar a ponta do pênis contra mim. Depois, leva as mãos às minhas ancas, para me manter bem segura e penetra-me, a princípio, delicadamente, mas depois com mais força, arremetendo contra mim com poderosas investidas.

Eu mordo o lábio inferior, para não gritar, mas os meus esforços caem por terra, ao senti-lo dobrar-se mais sobre mim e apertar-me um seio com uma mão, estimulando-me o clítoris com a outra. Eu mantenho os braços rígidos, com as mãos abertas contra a parte lateral do edifício, de forma a não ceder muito às suas repetidas investidas, cada vez mais poderosas e rápidas. Ele usa-me e dá-me prazer ao mesmo tempo.

Sinto-me perdida na sensação de ser tocada e preenchida, de ser objeto do seu desejo. Os meus medos foram eliminados, destruídos pelo poder brutal daquela afirmação de posse. *Ele precisa de mim.* E eu preciso dele, oh, se preciso.

Sinto o corpo dele retesar-se e a preparar-se para a explosão. Ele aperta-me dolorosamente um seio com os dedos e eu gemo de prazer, pois essa sensação projeta-se em fios escaldantes de prazer, dos seios até à vagina. Estou desejosa, excitada e recetiva, e quando ele me pede para me vir com ele, até a isso me submeto, sentindo o meu corpo desfazer-se, sob o poder daquele maravilhoso massacre erótico.

Não me lembro de tirar as mãos da parede, nem de escorregar para o chão. Só sei que estou aninhada nele, com as calças de ganga já puxadas para cima mas desapertadas, com o corpo brilhante e a pele maravilhosamente sensível.

— Graças a Deus, que existes — diz ele num tom de voz gutural e rouco. — Graças a Deus, que és mais combativa do que eu.

Eu não posso deixar de sorrir, mas ao falar assumo uma expressão totalmente séria.

— Jamais deixarei de lutar por ti. Tens de meter isso nessa tua cabeça dura.

— Acho que conseguiste penetrar nela.

Desta vez, o meu sorriso dá lugar a uma gargalhada.

— Acho que quem penetrou aqui foste tu — digo eu, fazendo-o rir também.

Ele aperta-me mais nos seus braços e eu percebo que temos de nos levantar. Estamos sentados em cima do betão rijo, com o cheiro a gasolina e a óleo a pairar no ar, e o rugido dos aviões à distância, mas não me

apetece mexer e ele também não — pelo menos, por enquanto —, por isso, deixamo-nos ficar ali quietos, perdidos nos braços um do outro.

Eu estou de olhos fechados, como que a pairar, quando a sua voz me traz de volta à realidade.

— Eu fui lá — diz ele e eu fico hirta nos seus braços. — Eu estive na casa dele, na noite em que o mataram. — Di-lo num tom monocórdico e firme, como se fosse perfeitamente normal dar-me uma notícia daquelas, como quem me diz as horas.

Eu abro os olhos e engulo em seco, sem saber bem o que dizer, nem mesmo se quero saber mais.

— Eu já disse ao Charles. Vão aparecer provas — diz ele. — Uma impressão digital ou uma imagem de uma câmara de vigilância, sabe-se lá. Mas eles vão acabar por encontrá-las. — Dá-me um beijo no alto da cabeça. — Seja o que for que a polícia descubra, tu serás a primeira a saber.

— Está bem. — Não valia a pena argumentar, disso tinha eu a certeza. Mudo de posição no chão e sento-me para o poder ver.

— Porque é que foste lá?

— Porque é que achas? Para o ameaçar. Para lhe dizer que se não me desse as fotografias, sofreria as consequências.

— Vais dizer isso à polícia?

Ele dirige-me um sorriso tão terno que me derrete o coração.

— Não. Se decidir dizer-lhes alguma coisa, digo que lá estive por causa do filme. Aquelas fotografias, e o que ele estava a ameaçar fazer-te, fica em segredo, prometo.

Ele abraça-me com força, mas eu abraço-me também ao meu próprio corpo. Preciso desse consolo, para conseguir dizer o que estou prestes a dizer. Depois, respiro fundo para ganhar coragem.

— Vais invocar a Quinta Emenda? É que se não a invocares vais ter de lhes contar tudo, Jackson. Se esconderes alguma coisa que se venha a descobrir depois, vai sair-te o tiro pela culatra.

— Querida, ambos sabemos que eles vão comer-me vivo.

— Não. — Agarro-lhe no braço e colo-me a ele. — Tu vais ser ilibado.

Ele deixa escapar uma gargalhada que mais parece um ronco sardónico.

— Podemos tentar acreditar nisso, amor, mas ambos sabemos que não é verdade.

— Tem de ser — digo eu num tom desafiador e, antes que me pudesse conter, dou comigo a fazer-lhe a única pergunta que sabia que não lhe deveria fazer: — Tu mataste-o?

— Que interessa isso? — diz ele. — Sabes tão bem como eu que o sistema é arbitrário.

Sou percorrida por uma ligeira sensação de pavor, não porque receie que o Jackson o tenha matado, mas porque sei que ele tem razão. Se, de facto, matou o Reed, o sistema fá-lo-á pagar mesmo pela morte de um monstro. Se, pelo contrário, não o matou, isso não terá a mínima importância. Será um inocente injustamente condenado, punido pela força do seu ódio, e não tanto pelas suas ações reais.

— Isso iria mudar alguma coisa? — pergunta-me ele. — Mudaria alguma coisa entre nós, se eu o tivesse matado?

— Não. — Digo-o com veemência, para que ele perceba até que ponto estou a falar a sério. Que há até uma pequena parte de mim que espera e talvez até acredite que é verdade. Esse é um pensamento reprimido decorrente do facto de saber que o Jackson seria capaz de matar para me proteger.

Ele fecha os olhos apenas por instantes, mas eu vejo parte da tensão desaparecer, e quando volta a olhar para mim, vejo nele uma vulnerabilidade que é raro revelar.

— Estou assustado — Fala tão baixo, que mesmo àquela distância tenho de fazer um esforço para o ouvir. — E isso deixa-me desconfortável, embora seja algo que se está a tornar cada vez mais frequente, ultimamente. Tenho medo de te perder a ti e à Ronnie. Tenho medo de perder a minha liberdade.

Sinto dor e confusão na sua voz e entendo-as. A filha está num limbo, tal como a sua própria liberdade, e o limbo é horrível, para alguém que precisa de ter tudo sob controlo.

— Eu sobrevivo a tudo, tenho a certeza disso, o que não quer dizer que não esteja assustado com o caminho que as coisas estão a tomar. E não gosto que tu me vejas carregar com toda esta porcaria às costas.

— Não podes afastar-me por causa desta investigação, a menos que queiras levar outra bofetada.

Ele brinda-me com um sorriso irónico.

— Eu entendo isso — diz ele —, mas não estou a referir-me apenas ao homicídio. Trata-se também da Ronnie. Não gosto que vocês me vejam às aranhas.

— Às aranhas? — Penso na ótima relação que ele tem com a miúda, no à-vontade inimaginável que revela com ela e fico verdadeiramente desconcertada.

— O que raio sei eu sobre ser pai? Deus sabe que o meu pai não era exemplo para ninguém.

— Tu és fantástico com ela — digo eu e, embora esteja a ser cem por cento honesta, entendo o que ele quer dizer. Ter filhos nunca estive nos meus planos exatamente por esse motivo. Os meus pais destruíram-me de tal forma que duvido que reste em mim a mínima apetência para ser mãe.

— Ela é que é fantástica — diz ele. — Mas também não é a isso que me estou a referir. É como se todas as decisões fossem um teste e uma única resposta errada seja o suficiente para lhe dar cabo da vida. Devo intervir como pai dela, ou continuar como tio? Devo deixá-la com a Betty? Há um sem número de decisões a tomar, a cada encruzilhada, e um novo lote de escolhas, depois de cada uma delas, e não há forma de saber se estou a seguir o caminho certo.

— Achas que serás um mau pai pelo facto de estares em dificuldades? É exatamente o contrário, Jackson. Não entendes isso? Isto é tão importante para ti que te está a consumir. Tudo o que tens feito é com o interesse dela em mente. É isso que define um bom pai, Jackson. Tu e eu sabemos isso melhor do que ninguém. — Dirijo-lhe um ligeiro sorriso e beijo-o delicadamente na face. — E, por acaso, é até bastante sexy.

Ele não se ri, mas a tensão no seu rosto atenua-se um pouco.

— Tu estás a fazer o que deves pela Ronnie — insisto —, o que é melhor para ela. Estás concentrado na Ronnie porque a amas e queres que ela tenha uma vida melhor. Deixá-la ficar com a Betty não é um erro, é uma opção, e é a opção certa.

— Talvez, mas isso não quer dizer que eu não tenha cometido outros erros, pelos quais desconfio que irei pagar muito em breve. Receio que a Ronnie pague também por isso. Receio também... — acrescenta, passando os dedos pelo meu cabelo e aninhando-os na minha nuca — que tu própria venhas a pagar por isso, ou que já estejas a pagar.

— Não. — Digo num tom intenso, como se pudesse dissipar as sombras nos seus olhos, apenas com a minha força de vontade. — Não vás por aí, Jackson. Não te atrevas a entrar na melancolia na minha presença. A Ronnie fica melhor se tu estiveres presente na vida dela, e eu também. Eu amo-te e pagaria qualquer preço para estar contigo.

Nessa altura ele olha para mim, como se estivesse a absorver as minhas palavras, a pesar a verdade nelas contida. Com efeito, fica a olhar para mim durante tanto tempo, que me sinto compelida a falar, mas depois ele antecipa-se.

— Estar contigo em Santa Fé... — Perde-se.

— O quê?

O seu rosto assume por instantes uma expressão que julgo ser de dor.

— Eu sei que fui um imbecil. Foi por causa da Ronnie, ou melhor, foi por causa de tudo, mas creio que foi sobretudo por ela.

— Ah. — Um arrepio gelado percorre-me a coluna e eu fico tensa, pois sei muito bem onde a conversa vai parar. Eu não sou mãe dela. Não faço a mínima ideia o que é ser mãe e o Jackson tem de se concentrar apenas em duas coisas, neste momento: ser ilibado e ser pai, o que significa que não precisa de se concentrar em mim.

— É que dei comigo a pensar que seria bom — reconfortante, quero eu dizer — se eu soubesse que a Ronnie estava em segurança contigo, cá fora, se o pior acontecer.

Eu franzo o sobrolho, já sem saber ao certo aonde ele está a querer chegar.

— E em que é que foste imbecil?

Ele sorri pelo canto da boca.

— Não tens estado a prestar atenção? Descobriste que eu tenho uma filha há pouquíssimo tempo, uma filha com quem tu não passaste praticamente tempo algum. Porém, eu já te estava a imaginar a preencher a lacuna que vai surgir na vida dela, quando eu for parar atrás das grades. A tia Syl a ajudar a cuidar dela, e a protegê-la. Caramba, querida, praticamente imaginei-te no papel de mãe.

Sinto um aperto no peito e deixo-me inundar pela emoção. Ele não estava a afastar-se de mim por não me querer. Era exatamente o oposto.

— Fui egoísta, irrealista e...

Eu descontrolo-me e rebento num pranto.

— Oh, meu Deus, Syl. Oh, merda. — O Jackson estava capaz de bater em si próprio. O que raio lhe teria passado pela cabeça?

Não era difícil. Estava a pensar que a desejava. Para sempre, para toda a eternidade. Desejava-a e soltara a língua, sem pensar no que ela queria.

— Desculpa — apressou-se a dizer. — Eu não te devia ter contado. Merda, não te devia ter dito nada. Por isso, ela está com a Betty. É evidente que eu não espero que tu...

— És tão tolo.

Ela estava com a voz embargada pelas lágrimas e, por instantes, ele pensou que não tinha ouvido bem.

— Fazes alguma ideia do que isso significa para mim? O facto de teres fé em mim a ponto de me confiares o que de mais precioso tens na vida?

Ele olhou para ela com um ar bastante abalado. Teria ouvido bem? Será que ela percebia o que estava a dizer?

— Não faço ideia como fazer o papel de mãe — prosseguiu ela. — Mas amo-te, Jackson. Isto não são apenas palavras, nem são, com toda a certeza, palavras temporárias. — Roçou-lhe a mão pela face. — Tudo o que precisares, lembras-te? Isso também não são apenas

palavras. Nós vamos superar isto, para o bem ou para o mal. E vamos superá-lo juntos.

Ele não respondeu. Não imediatamente. Só tinha olhos para ela. Apetecia-lhe bebê-la e deixar que as suas palavras e lhe preenchessem a mente. Porque eram belas palavras, que raio.

Para o bem ou para o mal...

Um dia destes, pensou ele. Um dia, ela voltaria a proferir aquelas palavras e ele colocar-lhe-ia uma aliança no dedo.

Mas primeiro teriam de sobreviver a tudo o que ainda estava para acontecer.

ELE É O HOMEM QUE ELA SEMPRE AMOU E O ÚNICO QUE NÃO SUPORTARIA PERDER.

« — Tu és o meu milagre — diz ele, abraçando-me.
Eu suspiro, porque ele também é o meu milagre, e embora
eu saiba que nada nesta vida é perfeito e o nosso mundo
continue assustador, sinto que tudo está bem,
pelo menos, por agora.»

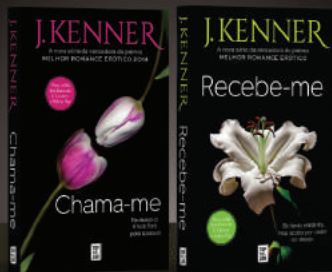
A felicidade de Jackson e Sylvia está em risco. O atraente arquiteto é acusado de um crime violento e, para piorar a situação, o projeto imobiliário que os juntou no início desta aventura romântica está a dar problemas.

O amor de ambos, contudo, é magnético, sensual, inquebrável, mesmo quando tudo parece estar por um fio. E é nos braços um do outro que Sylvia e Jackson acalmam os seus tormentos, rendendo-se a jogos sensuais.

No entanto, por muito que lutem, as más notícias agravam o temperamento explosivo de Jackson. A sua reputação, carreira e família estão em risco, e Sylvia não sabe como o ajudar, principalmente quando está tão perto de o perder.

**O regresso de Jackson Steele e Sylvia Brooks
num romance repleto de sensualidade.**

**CONHEÇA O INÍCIO DA HISTÓRIA ESCALDANTE DA SÉRIE
STARK INTERNATIONAL**



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-13-8



9 789898 855138

Romance Erótico